

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

RODRIGUES, Renato Remondini . Renato Remondini Rodrigues (Tomate) (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 0min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Renato Remondini Rodrigues (Tomate)
(depoimento, 2014)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Ademir Takara; Bernardo Buarque de Hollanda;

Levantamento de dados: Raphael Piva Favalli Favero;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Raphael Piva Favalli Favero;

Técnico de gravação: Carolina Soares

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 15/10/2014 a 15/10/2014

Duração: 1h 0min

Arquivo digital - áudio: 1; Arquivo digital - vídeo: 1; MiniDV: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

Temas: Agradecimentos; Anos 1990; Brasília; Carlos Alberto Torres; Esportes; Família; Formação escolar; Hélio Silva; Japão; Rio de Janeiro (cidade); São Paulo; São Paulo Futebol Clube ; Torcidas de futebol; Viagens e visitas; Violência;

Sumário

Entrevista: 15.10.2014 Apresentações iniciais; nascimento em São Paulo; origens e relações familiares; formação escolar; o início da relação com o futebol e com o São Paulo Futebol Clube; as primeiras viagens para fora de São Paulo; o contato com a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP), Hélio Silva e outras torcidas e torcedores do São Paulo; o perfil das torcidas do São Paulo; o ingresso no Grêmio Recreativo Torcida Organizada Dragões da Real e a opinião da mãe e da avó; a dinâmica da Dragões em dia de jogo; o surgimento das sub-sedes; a relação do entrevistado com o clube; o estatuto da torcida; a ida aos treinos do São Paulo e a relação com os jogadores; os destaques Telê Santana e Carlos Alberto; as viagens com a torcida e a ida ao Japão; os principais dirigentes do São Paulo; a relação entre torcida e clube; a eclosão da violência das torcidas e o estigma deixado após o episódio da batalha campal do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu) em 1995; a morte de Nilton César de Jesus em Brasília; a fundação da escola de samba da Dragões em 2000; a parceria com a Unidos do Peruche; a participação maior nos desfiles e o afastamento dos jogos; opiniões sobre a criação da divisão de “Escolas Desportivas”; a ausência de violência entre as escolas de samba; o perfil de público da escola de samba da Dragões; o contato com as Escolas de Samba do Rio de Janeiro; a relação com a Escola de Samba da Torcida Tricolor Independente; agradecimentos finais; a preservação da memória da torcida.

B.H. - São Paulo, boa tarde, 15 de outubro de 2015, projeto Territórios do Torcer, Fapesp, Museu do Futebol, Fundação Getúlio Vargas, depoimento de Renato Remondini, vulgo Tomate, presidente da Escola de Samba Dragões da Real, e ex-liderança da torcida da Dragões da Real. Participam desse depoimento Ademir Takara e Bernardo Buarque. Então, Tomate, muito obrigado por nos receber aqui na quadra, espaço superbacana e acolhedor, muito obrigado pela gentileza de nos receber. A gente queria começar esse depoimento te perguntando, Renato, você é aqui de São Paulo, nasceu aqui?

R.R. - Sim. Primeiramente, obrigado vocês também pela oportunidade de falar um pouquinho da nossa história torcida e agora da escola. Sou de São Paulo, nascido aqui no bairro de Indianópolis.

B.H. - Quando você nasceu?

R.R. - Nasci em 28 de abril de 1974.

B.H. - E você cresceu no bairro, conta um pouquinho da sua infância, fala um pouco dos seus pais também.

R.R. - Na verdade eu cresci no bairro de Santana, ali próximo da Parada Inglesa, depois fui para Casa Verde, onde eu resido até hoje. Dos meus 13 anos, casei, saí da Casa Verde, morei na Casa Verde mesmo, mas longe dos pais, depois fui para Lapa e voltei para Casa Verde de novo. Meus pais são separados, meu pai separou muito cedo, eu tinha um ano e pouco de idade, quem sempre me criou foi minha mãe e minha avó, então não tive muito contato com meu pai.

B.H. - Sua mãe e sua avó eram também daqui de São Paulo?

R.R. - Sim, minha avó é nascida em Campinas, minha mãe também, Indaiatuba, aquela região ali. Mas minha mãe veio muito cedo para São Paulo, junto com minha avó, já bem criança e estão até hoje em São Paulo.

B.H. - Que escola você estudou?

R.R. - A primeira séria, que nós chamávamos, até a oitava série, eu escrevi na antiga Escola Tietê, antigo clube Tietê, que agora virou um parque municipal ali a área. Então estudei a Escola Tietê até oitava séria, o que chamávamos de colegial foi no Padre Manoel da Nóbrega, que era uma escola estadual, e eu fiz faculdade de Administração na Uni Santana, antigamente era chamado Faculdade Santana São Paulo, hoje é Uni Santana.

B.H. - O interesse por futebol foi despertado quando, na escola, no bairro?

R.R. - Para mim foi uma coisa meio do bairro mesmo. Quando eu fui para Casa Verde eu tinha meus 12, 13 anos e lá eu conheci um amigo, são-paulino, que era o Fábio, o apelido dele era

Índio no condomínio, e ele são-paulino, ficava “vamos no jogo”. Eu já tinha ido em jogos antes, porque meu tio foi motorista do *Diário Popular*, ele cobria a parte esportiva, então ele me levou em alguns jogos. Eu fui em 87, 85, São Paulo e Portuguesa, com dez, 11 anos de idade eu comecei a ir e gostava, mas não tinha tanta frequência de ir. Aí em 88, esse meu amigo começou a me chamar, me chamar e nós fomos. Eu me lembro que o primeiro jogo que eu fui com a Dragões, eu fui na sede fazer minha carteirinha, e o primeiro jogo que eu fui numa viagem foi um São Paulo e São José lá em São José dos Campos, acho que foi em 88, com 14 anos. Só que aquela época era um pouco diferente. Ali começou. De lá para cá tive a minha interrupção, aconteceram muitas coisas, mas de 88 até 96, eu acho que eu respirei SPFC todos os dias da minha vida.

A.T. - Essa foi a primeira viagem para fora de São Paulo?

R.R. - A minha primeira viagem para o interior foi para São José dos Campos, no mesmo ano, a minha primeira viagem eu fui para o Maracanã, e para outros lugares. Mas fui em Moça Bonita no jogo São Paulo e Bangu, esse daí acho que foi em 87, 88, que o jogo foi para os pênaltis, acabou o jogo nós pulamos dentro do campo com as bandeiras, não tinha briga, não tinha nada. Fui para o Maracanã também, São Paulo e Vasco, a primeira vez no Maracanã foi a estreia do Quinhones, um cabeludão, um equatoriano se não me engano, foi minha primeira vez no Maracanã.

B.H. - A escolha da Dragões foi...

R.R. - Foi por esse meu amigo, que ele era sócio da Dragões, ele já tinha entrado na Dragões em 86, ele é mais velho do que eu, aí ele me convidou, fomos, achei legal, achei o ambiente tranquilo, e de lá para cá a paixão despertou. Foi amor à primeira vista coma Dragões.

B.H. - A TUSP foi fundada em 1940 e é considerada uma das primeiras torcidas organizadas do Brasil. Que informações você tem dessa história da torcida do São Paulo anterior a Dragões, a Independente, as torcidas que nós conhecemos hoje?

R.R. - Em São Paulo teve algumas torcidas. A própria TUSP meu contato frequente que eu tive um grande relacionamento foi com o próprio Hélio Silva, que ficou a frente da TUSP durante alguns anos. Mas quando eu comecei a participar de estádio a TUSP já estava numa época de declínio, então foi uma relação mais com as pessoas mesmo, o Hélio Silva, tinha um rapaz chamado Carioca, que estava em todo jogo com a faixa da TUSP para cima e para baixo, acho que ele já faleceu, não está mais conosco, mas o São Paulo também teve outras torcidas. Teve a Real Tricolor que depois acabou se extinguindo e veio para a Dragões, que era um rapaz

chamado Jarbas, que era o presidente da Real Tricolor; a própria Dragões veio da história da Força Jovem o Mais Querido com a Dragões da Real Torcida Jovem que se juntaram para formar a Dragões da Real Força Jovem, em 1984. Tinha também uma torcida chamada Pantera Tricolor, aí você teve outras. Teve um rapaz que levava uma faixa da Hebraica Tricolor, Metal Tricolor, tinha a Orgasmo Tricolor, tinha uma infinidade de torcidas, a Sampa Show. De todas essas as que continuaram realmente foi a Independente, a Dragões e a Falange Tricolor que também esses tempos estava na ativa.

A.T. - Você tinha contato com os integrantes dessas outras torcidas?

R.R. - Eu tenho grandes amigos, muitos amigos até hoje na Independente, mas muitos mesmo, alguns que estão ainda na ativa e outros que não estão mais, mas eu fiz muitos amigos na Independente, porque nesses longos anos de torcida... a própria Falange, o Laerte que foi fundador, o presidente da Falange, ele foi comigo para o Japão em 1993, nós fomos juntos para o Japão. Na Sampa Show, o Betão que era o presidente da Sampa Show, um grande amigo também, da TUSP, o Hélio Silva, e outros amigos que a gente acabou tendo ao longo do caminho.

A.T. - Essas torcidas tinham um perfil definido ou não, eram grupos que se juntavam?

R.R. - Eu acho que algumas delas eram mais grupos que se juntavam e alguns idealizadores que levavam a sua faixa, a questão da Hebraica Tricolor, pela questão da marca dele ali, sou da Hebraica e a Hebraica é tricolor, o pessoal da Sampa que era um pessoal muito gente boa, o Betão, o Alemão, os meninos da Sampa também muito gente boa, mas cada um dentro da sua... As torcidas, antes, o cara criava uma torcida para juntar seu grupo e torcer. Hoje a coisa está um pouco maior, então você vê alguns clubes... O São Paulo é diferente dos demais, o São Paulo tem poucas torcidas. Hoje o São Paulo se resume a duas torcidas realmente atuantes e fortes, você tem a Falange que não é tão atuante, também tem um pessoal de uma torcida nova que surgiu há dois, três anos atrás, os Implacáveis, que é o pessoal de Guarulhos e tal. Mas o São Paulo diferentemente de outros clubes, ele não tem uma quantidade de torcidas. Você vê clube que a cada bimestre surge uma nova torcida. Às vezes algumas delas duram muito tempo e permanecem até hoje, e outras vão dois, três meses colocando faixa e somem, desaparecem, e o São Paulo nunca teve essa característica.

B.H. - E nesse período quando você entrou, ingressou na Dragões você era adolescente, como sua mãe, sua avó viam a sua participação?

R.R. - Cara, sempre com aquela grande preocupação. E naquela época não tinha telefone celular você ia viajar tinha que ficar ligando de orelhão, a cobrar, para falar “poxa, cheguei bem, está tranquilo”, mas nunca tive maiores problemas, não. Claro que elas ficavam extremamente preocupadas, da mesma forma que eu fico hoje; mas meu filho hoje tem 18 anos e quando ele tinha seus 15, 16, ele começou ir em jogo e não parava. Então a mesma preocupação que elas tinham é a que eu tive. Só que hoje os problemas são diferentes. Mas foi tranquilo, elas me ajudaram muito inclusive. Eu virei presidente da torcida, no final de 90, então eu tinha completado 16 anos, eu não tinha nem idade para ser presidente de nada, não é? Teoricamente você não pode assumir um estatuto de uma entidade com essa idade, mas com 16 anos, e foi o que foi.

B.H. - E a Dragões tinha alguma marca, ela se situava em algum bairro específico, tinha um núcleo mais forte, como era essa... em termos de quantidade e distribuição?

R.R. - Quando eu entrei na Dragões, em 1987, 88 ela estava em declínio, em 88 ela estava num grande declínio inclusive. Em 89 nós começamos... eu ainda novo, com meus 15 anos, mas me lembro bem, eu era diretor de bandeira da torcida, gostava muito disso e tal. Em 89 a gente começou já a fazer um trabalho para começar a resgatar os sócios da torcida, trazê-los de volta. Tanto que o São Paulo e São José, a final do campeonato paulista em 89, São Paulo e São José, esse ano de 89, tem até fotos antigas, que a torcida já estava bem grande, aquele mar vermelho na arquibancada. Aí em 89, 90 a torcida foi se estruturando, mas sempre pulverizada, ela não era regionalizada. Ela sempre teve alguns bairros que eram bairros bons. Por exemplo, começo de 90, 91 a gente tinha o bairro do Imirim, Casa Verde que era uma área muito forte da torcida. A zona sul, Jardim São Luís, Vila Sonia, então a gente tinha alguns bairros mais fortes, Emiliano Matarazzo na zona leste, mas não era totalmente centralizada num só local.

B.H. - E a sede vocês...?

R.R. - A sede da Dragões era na av. Cásper Líbero, até 89, em 89 ela fechou, a Dragões ficou mais ou menos um ano e meio, quase dois anos sem sede, e aí nós alugamos uma sala no mesmo prédio onde é a sede atual hoje, porém era uma sede alugada no 34º andar, ali na av. Prestes Maia, e aquela sede foi onde nós começamos, a torcida começou a tomar corpo novamente, essa sede foi aberta em 91, 92.

B.H. - Em dia de jogo como era a dinâmica, vocês se reuniam na sede e iam juntos ou cada um ia?

R.R. - Quando a sede começou a se fortalecer, nós saíamos dos bairros, quando era um clássico, jogos grandes, a gente saía com ônibus dos bairros e se encontravam na sede e da sede seguia para o Morumbi.

A.T. - Existiam sedes de bairro?

R.R. - Naquela época nós tínhamos... No interior a gente tinha algumas sedes, principalmente Sorocaba que eu tenho que destacar, Sorocaba era uma grande sub sede, grande, em jogos grandes eles vinham com dois, três, quatro ônibus de Dragões mesmo. A Ermelino Matarazzo a gente tinha sub sede, tivemos sub sede em Barueri, essas foram as sub sedes próximas de São Paulo.

A.T. - Como surgiam essas sub sedes?

R.R. - Você juntava grandes grupos, então os caras chegavam e entendiam que como eles tinham um volume de pessoas, e a distância era grande, seria legal que eles tivessem um ponto que eles pudessem se reunir, fazer carteirinha, vender produto da torcida, para não ter que se deslocar até o centro da cidade. Isso foi legal, naquela época era uma coisa que funcionava, então foi bacana para a torcida porque ajudou a fazer conhecimento.

A.T. - Era uma iniciativa individual, de um ou outro integrante?

R.R. - Era. Duas ou três pessoas falavam, vamos fazer, vamos fazer. Aí juntavam, pegavam o apoio da sede e realmente tocavam o projeto.

A.T. - Chegava ao ponto da sede decidir “tem muito são-paulino em Sorocaba, vamos abrir uma sede”, ou não?

R.R. - Não, não existia um estudo. Eu falo muito disso, antigamente as coisas eram feitas pela paixão, a paixão movia muito essa questão da torcida. Até porque você não tinha ferramenta de internet, hoje em dia você consegue mapear de uma forma totalmente diferente, mas antigamente o cara vinha, sou aqui de Sorocaba, tenho um grupo de dez amigos, esses dez viram 20, 20 viram 40, e 40 vira uma galera. Então, foi assim que mais ou menos surgia essas grupos de sub sedes.

A.T. - Aconteceu de vocês chegarem numa cidade e de repente descobrir que tinha uma Dragões ali que vocês nunca tinham ouvido falar?

R.R. - Não, que eu me lembre não. Já aconteceu da gente chegar em alguns estádios e ter uma bandeira escrita Dragões, da onde surgiu essa bandeira? Você ia falar com o cara, o cara “eu gosto muito da torcida e resolvi fazer em homenagem”, “mas não pode...”, aí a gente explicava

para o cara, que aquela história de uma torcida tomar a bandeira da outra era uma festa, então você não pode sair com nossa bandeira por aí. Mas isso acontecia, sim.

B.H. - E você foi associado do SPFC?

R.R. - Não, nunca fui. Tenho muito contato dentro do São Paulo até hoje, sempre frequentei, algumas vezes ia a eleições, não que nós tínhamos partidos dentro do São Paulo, nunca tivemos, até porque o nosso estatuto não nos permite isso, mas as vezes a gente via coisas erradas e ia lá bater na porta para realmente exigir uma explicação de alguma coisa nesse sentido, mas nunca fui sócio.

A.T. - O estatuto da Dragões proíbi a associação ao clube... proíbe tomar partido...

R.R. - A gente entende o seguinte. A torcida além de um órgão é uma grande paixão, o que você faz você ser torcedor do clube é a paixão que te move a torcer por ele. Mas ela também não deixa de ser um agente fiscalizador, porque como nós estamos ali no dia a dia, você conhece a história, você tem contato dentro do clube, eu tenho contato, você acaba sabendo de várias coisas. Então negociação de jogador, de transação que o cara está ganhando por fora, de uma obra que poderia ter sido feita de outra forma, várias coisas nesse sentido. O São Paulo tinha um problema, antes era assim, estava lá dentro do clube e tinha aquela camisa do Corinthians, do Palmeiras, então, pô, isso não pode, de um tempo para cá já não pode. Mas como o São Paulo é um clube, não é só futebol, dentro do próprio conselho do São Paulo você tem cara lá que não é são-paulino, então esse cara que não é são-paulino, obviamente, se ele tiver que optar pela piscina ou pelo gramado, ele vai optar pela piscina. E a gente tem que estar lá cobrando quem vai cuidar do gramado. Porque a grande bandeira que defende o São Paulo é o futebol. É claro que o associado do clube tem que ter lá, ele paga para ter um bom serviço etc, mas o primeiro lugar em São Paulo, a gente sempre defendeu e vai continuar defendendo que é o futebol.

B.H. - E vocês acompanhavam treino, iam para lá assistir?

R.R. - Antes essa relação era maior, antigamente, eu vejo isso em todas as torcidas. Eu ia bastante aos treinos sim. A gente ia aos treinos principalmente para por a faixa, principalmente em véspera de clássico, para mostrar que a torcida estava lá para dar um apoio para o clube. Às vezes numa fase não tão boa, tivemos umas fases que a gente ia não tão bem, a gente ia lá para mostrar que eu a gente estava do lado do clube. É claro que se o resultado não vinha ou corpo mole, aquela história que a gente está cansado de ver, a gente também ia no outro dia lá para cobrar, pô, não é desse jeito, o São Paulo é muito maior do que isso.

B.H. - Vocês conheciam os jogadores, tinham relação direta com eles?

R.R. - Tinha, tinha com alguns. Na verdade, essa relação tem que ser uma relação, até hoje acho que tem que ser assim, tem que ser uma relação de educação, de respeito, porque da mesma forma que você vai bater palma hoje, amanhã você vai poder falar para o cara, pô, irmão, você precisa correr mais porque não é assim que a gente te viu jogar. Então eu acho que essa proximidade tem que ser feita, mas ela tem que ser feita com cautela, porque hoje você pode aplaudir mas amanhã pode também xingar, xingar que eu digo é um xingamento respeitoso também, cobrar. Não posso reclamar porque aquele cara fez aquilo por mim, acho que isso não pode existir isso, a torcida tem que ter uma imparcialidade. O único objetivo da torcida é apoiar seu clube, e quer que ele ganhe. Obviamente não vai sempre ganhar, o São Paulo graças a Deus tem muito mais felicidades do que tristeza, a gente não pode reclamar não, mas tem que ser um agente fiscalizador mesmo.

A.T. - Vocês convidam os jogadores para parte de dentro da Dragões?

R.R. - Já convidamos, já tivemos a participação de alguns deles que vieram em eventos da torcida.

A.T. - Quem, por exemplo?

R.R. - Me lembro que a gente tinha uma proximidade na época com o Cafú, a gente pintava bandeira no Morumbi, quando o Cafú surgiu no profissional São Paulo, o Cafú as vezes ia lá com a gente, conversava. Eu lembro até que ele tinha uma casa em Mongaguá, uma coisa assim, e a gente se encontrava, tal, ele levou sua família já numa festa da torcida. Teve outros que já vieram, ex-jogadores.

A.T. - Iniciativa dele de ir?

R.R. - Não, a torcida convidou, convidou todo mundo na época, e teve dois ou três jogadores que foram. O convite sempre houve. O que a gente sempre fala é assim, aquela época era uma época mais saudosista, onde o romantismo existia um pouco mais, os jogadores ficavam mais tempo nos seus clubes também. Hoje em dia, o cara está aqui, daqui a três meses ele não está mais. Então a gente fala muito isso para os meninos que entram. Hoje você tem que saber realmente quem é seu ídolo. Tomar cuidado, porque aquele cara que hoje é seu ídolo, amanhã ele pode estar beijando o clube, o escudo do rival, e é assim que funciona. Também jogadores que saíram de outros clubes e vieram para o São Paulo e fizeram cinco gols no outro clube lá, e saiu beijando o símbolo do São Paulo.

A.T. - A torcida já não faz parte do objetivo trazer jogador para participar de eventos?

R.R. - Depende do jogador. E até porque a agenda do jogador é complicada. Vai fazer uma festa no sábado, o cara está concentrado, vai fazer uma festa no final de dezembro, ele está de férias aproveitando, jogador tem uma vida corrida. Mas depende do jogador, o que eu te falei, o Rogério foi um cara que a vida dele foi dentro do São Paulo, o Luís Fabiano é um cara que ganhou quase nada no São Paulo, mas a torcida idolatrava o Luís Fabiano, hoje em dia a torcida quer ver o Luís Fabiano o longe do São Paulo. Então é muito complicado. Você pega o Kaká que saiu do São Paulo xingado há dez anos e hoje foi fazer a representação do Kaká e o Morumbi estava cheio, não é isso? O torcedor é muito difícil de ser compreendido porque ele é movido pela paixão, ele é movido pelo momento. Se determinado jogador, pode ser qualquer jogador, ele está numa fase péssima, ele pode ter a história que tiver dentro do clube, se ele estiver prejudicando o clube, a torcida não vai para o lado dele, é paixão isso daí. Não tem jeito.

A.T. - Tem algum caso de ex-integrante da Dragões que acabou virando jogador?

R.R. - Cara, eu não peguei essa época, mas dizem que o próprio Rogério tinha carteirinha a Dragões, quando ele era criança. Eu não me lembro. Conversei com o Rogério várias vezes, mas não me lembro disso, de relacionamento com ele, mas jogador mesmo que tenha estourado eu não me lembro, não.

B.H. - A gente estava conversando sobre o Telê, de técnico, de quem você lembra que ficou na memória por uma relação diferenciada com a Dragões, com você?

R.R. - Para mim é o Telê, cara, porque o Telê... Tem várias passagens com o Telê, em Tóquio, uma homenagem que o São Paulo fez através de um vereador que ele recebeu uma homenagem no São Paulo quando ele já estava de cadeira, mas o Telê eu digo pela trajetória dele enquanto trabalho dentro do São Paulo, cético, objetivo, não podia ter cabelo cumprido, não podia não sei que lá, então acho que o Telê foi o grande mentor realmente que fez o São Paulo o maior vencedor na década de 90, sem dúvida alguma. Falei do Carlos Alberto Silva também, porque acho que foi um cara que eu conheci, conversei algumas vezes, um cara fantástico, um profissional que sete horas da manhã ele estava lá vendo a grama, então, não digo nem quanto ao resultado, o resultado do Telê é absurdo, mas o Carlos Alberto também. Outros que não tiveram boas passagens, bons resultados, outros que nem deveriam ter passado pelo São Paulo, que não tem a cara do nosso clube, mas os dois eu coloco, o Telê num nível acima pela história dele e pelos resultados obtidos, mas trabalho, o Carlos Alberto e Telê Santana foram diferenciados.

A.T. - Que passagem você poderia contar do Telê no Japão?

R.R. - Eu lembro quando o São Paulo foi campeão, nós fomos para o hotel, em 93, aí a gente agradeceu muito. Eu até brinquei, poxa, você falou para a gente te dar uma chance, a chance você que nos deu, nossa maior alegria dois anos seguidos, então, foi muita alegria, muita. Cafú, a gente brincando muito, conversando, todo mundo lá. Porque era campeão em cima do Barcelona e do Milan. Aquele jogo contra o Milan, pelo amor de Deus, então, os caras tinham aquela seleção, você falava, não vai ter jeito. A bola no Müller entrou do jeito que tinha que entrar, de qualquer jeito.

B.H. - Como vocês fizeram para ir, para conseguir organizar, quantos foram?

R.R. - Diferentemente como é hoje em dia, naquela época viajar de avião era muito caro. Nós viajávamos de ônibus para tudo quanto é lugar. Fui de ônibus para o Paraguai, para a Argentina, para Bahia, jogamos uma vez em Aracajú, então a torcida organizada viajava de ônibus. Não tinha esse negócio de avião, porque as facilidades são diferentes. Antigamente era por questão de economia. Antigamente para comprar uma passagem de avião, a Transbrasil, na básico, você era o bacana para viajar de avião, então para ir para o Japão em 93, 92, nós não fomos, digo nós torcida, a Dragões não foi. Em 93 só fui eu, um rapaz da Independente, o nome dele é Jair e um rapaz do Falange, que era o Laerte. Um molecão, eu tinha 18 anos, 19 anos, mas foi muito legal, foi uma experiência maravilhosa, foi fantástico.

B.H. - Como foi colocar a faixa lá?

R.R. - Colocamos a faixa, mas não podia colocar lá embaixo, então colocamos a faixa lá em cima, mas apareceu. Eu lembro que eu levei um surdo para o estádio, não tinha ninguém, só eu com o surdo lá, e aí tinha alguns brasileiros. Não tinham muitos brasileiros, diferentemente de 2005, mas tinha alguns brasileiros. Levamos material, boné, e foi um barato. Eu falo disso aí porque em 93 nós vendemos boné, vendia para fazer dinheiro para poder comer, poder pagar as coisas que era muito caro. Em 2005 eu voltei. O mesmo cara que eu vendi o mesmo boné em 93, o cara estava lá com o bonezinho em 2005, muito legal.

A.T. - Eu lembro que em 92 quando acabou o jogo, a torcida do São Paulo invade o gramado, sempre lembro de uma cena fantástica, acho que era o Ronald Koeman. Um torcedor do São Paulo se aproxima, faz um movimento tipo tirar uma foto, e ele chateadíssimo porque perdeu o jogo, vem um rapaz para tirar a foto... eu lembro muito dessa cena, desse cidadão, preparado para fugir caso... um grandão. Quando você foi lá em 93 você sente um esquema de segurança mais fechado?

R.R. - Os seguranças usavam uma blusa roxa, não sei se vocês lembram disso, estavam todos de roxo em volta, e nós ficamos muito lá em cima. Nosso ingresso era uma área mais para cima, lá era tudo numerado.

A.T. - Foi o ingresso que você conseguiu comprar?

R.R. - Não sabia falar nada, não conseguia conversar, e a distância era grande. Em 93 já questão de numerar o assento. Lá sempre tudo funciona muito bem. E a festa para a gente foi tão grande. Você está no meio da festa, e quando você vai com dez, 15 é diferente, eu tinha que cuidar da faixa, do material e cuidar do instrumento e ainda bater no instrumento, parecia um polvo, mas foi muito legal, foi uma alegria imensa.

A.T. - Você não chegou a pensar, vou entrar no gramado?

R.R. - Não, fazer o que com as minhas coisas? Não tinha nem como, com 30 mochilas nas costas, não dava.

A.T. - Como foi o planejamento entre, vou para o Japão e chegar lá? Você tem que mudar a rotina diária?

R.R. - Na verdade para mim foi tranquilo, nessa época eu era presidente da torcida, eu não tinha um trabalho fora, e aquela época já tinha terminado aula, terminado tudo, então não teve problema algum. Fizemos aquele financiamento do carnê de 60 prestações para pagar, estou pagando até hoje, mas foi legal, foi uma experiência muito bacana, e 2005 a gente foi, aí a gente já vai conhecendo, e era outra época, 12 anos depois.

A.T. - Doze anos depois você acha que foi mais simples?

R.R. - Doze anos depois, a diferença é que nós estávamos em cem, 200 brasileiros em 93, em 2005 nós estávamos em 15 mil, 20 mil, e tinha muito são-paulino que mora no Japão. Nós não imaginávamos que a torcida do Liverpool ia ser extrema minoria no estádio, a gente pensava os caras vão estar gigantescos lá. Quando a gente chegou no estádio, que você olhava lá fora e só via são-paulino, falava, caramba, é muita gente, muita gente. É diferente, que aí você teve “ene” pacotes, “ene” empresas que fizeram, então foi totalmente diferente. Por coincidência nós ficamos no mesmo hotel que ficamos em 93, no mesmo hotel.

A.T. - Você fez questão?

R.R. - Não, foi uma coincidência, nem lembrava o nome, acho que era Meridium, que ficava no bairro de Chinakau, quando chegou lá, mas eu já vim nesse lugar aqui, pô, vim de novo, no outro lado do mundo, vocês me colocam no mesmo hotel! Mas foi legal, foi bacana.

B.H. - Tomate, a gente comentou de jogadores, técnicos; e de dirigentes, o que você lembra do São Paulo da experiência com a Dragões de ser tão difícil como técnico, tão polêmico quanto direção de futebol?

R.R. - Mas eu acho que o grande vitorioso foi o Pimenta. Pode falar o que for, ele foi o grande vitorioso, foi o presidente a frente daquelas gestões. Ele era o presidente ali, o Pimenta, Fernando Casal del Rei, Marcelo Portugal Gouveia, que foi o vencedor nesses campeonatos brasileiros, o Juvenal, com toda polêmica, mas também é um cara que teve muitas vitórias dentro do São Paulo, e o cara mais próximo de todos eles é o Aidar, para mim é um amigo. O Aidar na verdade é um amigo que eu tenho, eu conversei bastante com ele o ano passado, e eu e nem imaginava, nem ele imaginava em voltar ao São Paulo como presidente ou na direção do São Paulo.

A.T. - Você conheceu o Aidar antes?

R.R. - Conheci o Aidar em 1991, a gente não teve tanto contato, mas sempre que se encontrava, se cumprimentava, e sempre teve contato. O Aidar desfilou numa ala que depois tinha no carnaval, numa outra escola de samba, na Unidos do Peruche, o Aidar desfilou com a gente nesse carnaval, estreitou mais a relação tudo, e eu acho que ele é um cara extremamente autêntico, enquanto pessoa, um cara autêntico, verdadeiro, um cara do bem, um cara que fala o que tem que falar. Às vezes, eu acho que ele paga por isso, e acho que ele tem que pagar mesmo porque ele é um cara extremamente autêntico. Prefiro que ele pague por isso do que pague por omissão. Um defeito que o Aidar não tem é a questão de ser omissivo. Acho que ele é um são-paulino autêntico e verdadeiro, ele vem de uma família que o sobrenome já fala dessa dedicação que essa família teve pelo clube e tem pelo clube. Eu acho que ele vai ter uma jornada difícil pela frente pela situação econômica que pegou o clube, a gente sabe que não é fácil. Mas com esse pouco tempo aí, todas as polêmicas que ele já criou, a gente vê, o elenco do São Paulo hoje é brincadeira. É claro que tem uma herança deixada pelo Juvenal, jogadores que ficaram, mas quem ele trouxe, quem ele manteve, não é fácil manter aqui, então acho que vai ter bons frutos nos próximos anos, espero, espero mesmo.

B.H. - Sempre que se fala nessa relação de dirigente e torcida, a opinião pública sempre bate nessa tecla, de que existe formas de favorecimento, ingresso, ônibus. Até que ponto isso é mito e é a realidade na sua experiência?

R.R. - Se existe isso aí eu vou brigar com meu amigo lá, porque para nós não está existindo não, alguém está dando chapéu na gente, mas a torcida...

B.H. - Historicamente?

R.R. - Não. Os anos 90 as torcidas recebiam apoio dos clubes sim, recebiam ônibus. E acho nada mais justo também, porque, cara, você sai daqui, vai até a Bahia, fica três dias fora da sua casa, fora da sua família, do seu trabalho, então assim, você está indo lá torcer pelo seu clube. É a mesma coisa que uma escola de samba aqui hoje. Se um cara de uma ala chega para mim e fala “presidente, eu queria um ônibus para trazer uma ala para encher o ensaio aqui”. Pô, não vou ajudar o cara? O cara é meu parceiro. Você entendeu? O cara é meu incentivador, meu apoiador, porque eu não vou apoiar o cara? É uma via de mão dupla. Então eu vejo isso. Porém, é o que eu falei, a partir do momento que a torcida ganha ônibus, ganha ingresso, como ela vai bater na porta do cara para cobrar alguma coisa? “Mas eu te dou isso, te dou aquilo”. Então não quero nada, não tem que dar nada não. Eu acho que o clube tem obrigação é que a torcida tenha acesso, pelo menos a compra do ingresso. Por quê? Acho que o torcedor organizado não é melhor que o torcedor comum, porém o torcedor organizado é o que está lá o ano inteiro. Tem torcedor comum que também está lá o ano inteiro, mas o torcedor organizado vai para todos os lugares. Então o mínimo que o clube pode fazer é dar oportunidade para ele comprar o ingresso, isso é obrigação do clube, isso eu acho que tem que ter, isso é obrigatório, na minha visão, é claro. Mas até como uma forma de respeito e retribuição por tudo que é feito ao longo do ano.

A.T. - Quando o São Paulo joga no exterior tem alguma ajuda, nem que seja um... fiquem em determinada...

R.R. - Tem o bom dia, o boa tarde e o boa noite. O André que é hoje o presidente da torcida, ele acompanha o São Paulo para todo lugar que o São Paulo vai, mas acompanha à custa da torcida, não tem ajuda do clube, então passagem aérea nós compramos, ingresso nós compramos, o hotel que fica nós que pagamos, mas não tem nada não.

B.H. – Então os anos 90 foi isso, o São Paulo ganhou muitos títulos, a torcida cresceu, cresceu nacionalmente, hoje é considerada a terceira em termos quantitativos, e a gente acompanhou também nesse contexto a eclosão das violências das torcidas, o estigma das torcidas, em 95 teve a batalha campal do Pacaembu, você vivenciou esse processo. Você estava nesse jogo já, em 95, como você vê hoje esse estigma que está tão associado à torcida e como deve e lidar com isso?

R.R. - Cara, hoje o cenário é diferente. Até porque a forma de se identificar as pessoas, ferramentas que não existiam antigamente, hoje existem, então mudou muita coisa. O episódio de 95 foi uma falha generalizada, porque ali você tinha um estádio em obra, então eu nunca vi

um estádio de futebol, final São Paulo e Palmeiras, tem três policiais dentro do campo. Então assim, ali foi tudo muito estranho, muito esquisito. Então não tinha policiamento dentro do campo, você tinha barra de ferro, madeira, pedra para tudo quanto era lado. Foi realmente... O que todo mundo queria que acontecesse aconteceu. As torcidas erraram, caíram naquilo, erraram de uma forma veemente, e o resultado foi aquele dois, três anos de complicações, de torcida não poder entrar em estádio, aquela história toda.

A.T. - Antes do jogo, você imaginar, que o clima no estágio era de tensão?

R.R. - Não, cara, até porque aquele jogo foi nove da manhã. O cara acorda para um jogo de domingo, nove horas da manhã, um jogo da Super Copa Juniores, São Paulo e Palmeiras, você vai imaginar o que? Só que como foi de graça você não podia imaginar que ia ter tanta gente. É que a cultura daquela pressão de Copa São Paulo de final, você pega um São Paulo e Palmeiras de graça num domingo, no Pacaembu, estádio lotado. Aí eu acho que a polícia não se preparou para aquilo. Acho não, tenho certeza que não se preparou. Quando você vê a torcida invadindo campo desse jeito? Não vê. Se invade, tem lá seus 15, 20, 30 policiais que tira todo mundo de lá. Então, “foi preparado uma guerra para aquele dia...” não tinha nada. Aconteceu do São Paulo tomou um gol, gol de ouro, aquele negócio lá, e aí o jogador do Palmeiras provocou, fez um negócio, a torcida ficou revoltada, joga daqui, um pula de lá, torcida do Palmeiras pulou para comemorar, pulou para comemorar porque não tinha segurança, e foi comemorar aonde? Na frente da torcida do São Paulo. A torcida do São Paulo viu que não tinha ninguém ali também, e infelizmente aquilo aconteceu, lamentável.

A.T. - Você foi para campo?

R.R. - Eu era líder da torcida, ali você está defendendo a sua faixa, naquela oportunidade eles puxaram nossa faixa etc, então você está defendendo sua faixa. Quando viram aquele tumulto generalizado... O menino que morreu inclusive, ele veio, o Marcio, ele era da Dragões aquele menino, Marcio Gasparinho. Antes dele morrer ele era da Dragões e daí foi para a Independente. Ele morava no Imirim que era um bairro perto da minha casa. E quando ele tomou a pancada, eu não vi ele tomar a pancada, ele só veio na minha direção, com a mão na cabeça, todo sujo de sangue. Fui eu que peguei ele no colo e dei ele nos braços de um amigo e falei, leva ele embora daqui, leva ele para o hospital, ele levou, colocou na ambulância e depois aconteceu o que aconteceu. Mas foi um fato triste, porque você pega uma criança, um menino que perdeu sua vida ali, tinha a vida inteira pela frente, como outros também perderam. Eu sempre falo, hoje eu tenho meu filho, os meus amigos daquela geração tem seus filhos também,

a gente fica pensando, poxa, as pessoas tem que olhar de uma outra forma porque as coisas estão cada vez mais vulgarizadas no mundo. Antigamente você pegava esses programas de reportagens policiais, você ver um filho matando uma mãe, uma mãe matando um filho, isso era uma vez a cada seis meses. Hoje em dia, todo dia acontece, a mãe que mata o filho e enterra dentro da casa, que guarda dentro do sofá, que corta em pedaço, infelizmente o mundo se transformou, então... Acho que as torcidas tinham que tentar melhorar essa imagem. Espero que isso um dia aconteça. Por parte da Dragões, o trabalho que o André faz é invejável, cara, o trabalho é invejável nesse sentido.

B.H. - Teve também um episódio em Brasília com um policial...

R.R. - Sim, Cesar.

B.H. - Vitimando um... era um colega seu?

R.R. - O Cesar entrou na torcida quando menino, molecão, e a gente que foi incentivando para o Cesar continuar, virar um líder da torcida etc. Então quando eu [inaudível], foi terrível, porque no sábado nós estávamos para a sede, eu não ia para o jogo, na final de campeonato, falei, não vou pegar esse ônibus para viajar até Brasília não. Ainda brinquei com ele, “porra, toma cuidado lá, não vou estar do seu lado não para te defender”. Quando me ligaram para contar, eu não acreditei, eu desabei. Eu peguei a mãe dele, eu que peguei a irmã dele no dia seguinte, de manhã, fomos para Brasília, e aí foi aquele sofrimento de dois, três dias até receber a notícia. Você vê, hoje o policial está lá trabalhando, não aconteceu nada, foi só um acidente, e assim segue a vida, e a família dele desamparada, não recebeu um centavo, não recebeu nada, é um processo que vai ficar correndo na justiça uns 20, 30 anos, a mãe dele com certeza não vai estar viva para saber o que foi resolvido sobre a vida do filho dela, e dessa forma caminha a justiça do nosso país.

B.H. - Falando em justiça, depois da batalha campal no Pacaembu, teve toda essa proibição das faixas, as torcidas foram excluídas, e começou esse processo de transformação de algumas torcidas em escola de samba. Como foi dentro da Dragões isso, você que hoje está a frente da escola de samba, você acompanhou a gestação disso, como foi?

R.R. - Na verdade, no caso da Dragões uma coisa não tinha nada a ver com outra. A Dragões em 2000 as torcidas... recomeçou aquela coisa de liminar, então você tem liminar para entrar com faixa, tal, então a Dragões conseguiu depois estar entrando com faixa etc. Aí em 2000 um grupo de associados... como a Dragões já tinha eu e outros componentes da Dragões, cada um desfilava numa escola de samba diferente, e outras torcidas já tinha seu carnaval, a gente falou,

pô, porque a gente também não tem? Se cada um desfila numa escola, vamos juntar todo nosso povo e vamos desfilar na nossa escola. Porque o campeonato antigamente acabava final de novembro, comecinho de dezembro e voltava a ter campeonato em fevereiro. Então você ficava dois meses sem nada. Vamos ficar dois meses sem ter atividade nenhuma, esses dois meses vamos cuidar do carnaval. Só que a gente não imaginava que cuidar do carnaval ia tomar nosso ano inteiro. E aí foi numa questão de promover uma integração, uma cultura para nosso povo que surgiu a ideia de fundar a escola de samba em 2000.

A.T. - A Dragões chegou a ser participar do desfile de blocos?

R.R. - Não, nós fundamos uma escola de samba já em 2000, e no ano de 2001 nós desfilamos pela primeira vez como uma escola de samba no grupo quatro, que eles chamam de grupo de espera.

A.T. - Você falou que o Aídar participou de um desfile na Unidos da Peruche e saiu com uma ala na Dragões. A Dragões então... torcedores...

R.R. - Aquele ano nós assistimos o jogo, a final do São Paulo em Barcelona, em 92, na quadra da Peruche. A Peruche nos cedeu a quadra para que nós levássemos nosso povo para assistir o jogo. Em 93, desculpa, em 92 nós assistimos na Paulista, em 93 fizemos um evento da Dragões na quadra da Unidos do Peruche. E como esse jogo era em dezembro nós procuramos isso um pouco antes, e nós fizemos uma parceria com o Peruche. Como eu morava no bairro e tocava na bateria, aquela história toda, eles falam, “poxa, vamos fazer uma parceria, vocês colocam uma ala para desfilar conosco e a gente cede a quadra para vocês fazerem a festa”. Aí foi isso.

A.T. - E essa parceria se repetiu com a Peruche ou outra escola?

R.R. - Nós tivemos mais uma com a Peruche, desfilamos no Tom Maior, na X9.

B.H. - E você continuou indo para a arquibancada ou pouco a pouco foi saindo e se dedicando mais?

R.R. - Quando a coisa começou a crescer um pouco mais, em 2001 foi o primeiro desfile. Em 2011 quando a escola foi campeã do grupo de acesso e foi para o grupo especial, aí realmente a gente viu que a coisa era muito grande, que o carnaval é uma coisa gigantesca em São Paulo, é um trabalho de um ano inteiro mesmo. Então aí eu comecei a ter um pouco mais de dificuldade de estar presente nos jogos. Por exemplo, até começo de 2012 eu fui bastante, depois desses anos eu fui tirando um pouco do pé porque é difícil, você trabalha todos os dias. Essa noite, por exemplo, eu cheguei em casa três e meia da manhã porque nós fomos levar um carro alegórico que está pronto já para um outro barracão onde nós guardamos. Oito e meia da

manhã eu já estava aqui, então é uma demanda grande, você trabalha de domingo a domingo, sem parar.

B.H. - Então você foi pouco a pouco se afastando e hoje se dedica exclusivamente?

R.R. - Não digo afastando, eu falo com o André todos os dias, a gente se fala todos os dias. O último jogo que teve agora no Itaquerão eu fui, alguns jogos importantes também, se a torcida precisa sempre estou lá. Às vezes quando tem necessidade do pessoal mais velho estar por alguma situação ou a gente marcar para bater um papo todo mundo no jogo, eu sempre que possível estou presente. Não com a mesma frequência de antes, mas sempre que possível presente.

B.H. - Como o carnaval tem todo esse apelo visual de coreografia, você acha que existe influência disso na arquibancada? Vocês levam alguma coisa da escola de samba para a arquibancada e vice-versa ou não tem?

R.R. - Não, da arquibancada para o desfile não, acho que a gente leva enquanto Dragões da arquibancada para o desfile é essa vontade de ser campeão. Que a Dragões sempre foi uma torcida muito aguerrida, uma torcida marcada por ter um canto muito forte, então essa força, essa questão, eu acho que a gente trouxe para a escola de samba. E o que leva da escola para a torcida, hoje eu vejo muita família indo na Dragões. Então o cara vem, simpatiza com a escola, e aí ele é são-paulino também, ele vai e leva a família, leva a mulher, leva o povo dele, aí a gente faz umas esculturas aqui que eles levam para a arquibancada. Esse ano eles estão criando o samba, o samba que nós vamos cantar em 2015 já foi escolhido, eles adaptaram o samba para cantar música na arquibancada. Eu acho que é uma troca de conhecimentos, de ideias, que é muito sadia.

B.H. - Agora, foi necessário separar, os estatutos jurídicos são diferentes?

R.R. - São, duas entidades constituídas.

B.H. - Isso porque em termos econômicos não daria para...?

R.R. - Não por termos econômicos, acho que por todos os termos: ideológicos, econômicos e administrativos. Porque a gente fala muito isso e vai continuar falando, a Dragões é uma torcida que na arquibancada torce, e é uma escola de samba que no Anhembi canta, dança, é diferente. Então são universos diferentes. Vai para o Morumbi para torcer para nosso time, e vamos para o Anhembi para desfilar para nossa escola, fazer cultura. Nós não tratamos o Anhembi como uma arquibancada de futebol, da mesma forma que não tratamos o Morumbi como desfile de carnaval. Então são momentos distintos, onde lá no futebol nós vamos torcer, extravasar, vamos

gritar, vamos xingar, vamos pular, e lá no Anhembi nós vamos fazer festa, vamos dançar, cantar e fazer cultura, é diferente.

B.H. - As escolas de samba que tem essa origem e esse vínculo com o futebol hoje, aqui em São Paulo especialmente, a Gaviões, a Mancha, são escolas de samba que tem algum estatuto diferenciado ou na prática é como qualquer escola de samba das escolas tradicionais como você citou, Peruche, a Vai Vai?

R.R. - Acho que o modelo da Mancha é o mesmo modelo da Dragões, a Dragões tem o mesmo modelo da Mancha, vice-versa. São entidades separadas juridicamente. O Gaviões me parece que não. Mas aí é uma opção de cada um, cada um tem a sua forma de trabalho, tem a sua forma de doutrina, de ideologia, e aí cada um realmente faz da forma que acha melhor para a sua entidade.

A.T. - Como é a relação Dragões e a liga de escola de samba?

R.R. - Ótima.

A.T. - Vocês não sentem tratamento diferente?

R.R. - Não. Até porque a Dragões em três anos em grupo especial, ela teve resultados que qualquer outra escola dificilmente teve na história do carnaval. Nos dois últimos anos nós estávamos dentro do desfile das campeãs, e por muito pouco nós não ganhamos o campeonato.

A.T. - Nunca teve separação, sempre foi tudo desfile de escola de samba. Mas no instante que aconteceu de duas torcidas organizadas, as escolas desfilarem, a liga criou a divisão de...

R.R. - Escolas desportivas.

A.T. - Exatamente. Vocês gostaram disso?

R.R. - Não, é o que eu comentei, são mundos diferentes. Eu estou falando pela minha escola. A minha escola enquanto escola de samba é uma escola de samba, ponto. Então é isso, escola de samba é escola de samba. Escola de samba não é uma torcida organizada. A nossa torcida organizada é uma torcida organizada, vai torcer, defender o São Paulo, vai lutar. É claro que a nossa escola de samba carrega a bandeira do São Paulo, então sem dúvida alguma a nossa origem é o São Paulo, mas enquanto carnaval... não estou defendendo o São Paulo, estou defendendo a Dragões que é uma entidade que defende o São Paulo, é isso.

B.H. - Ao longo do tempo a liga teve que ir refazendo esse modelo, porque em princípio apenas uma escola de samba com nome de torcida poderia desfilar na divisão principal, depois abriu exceção para fazer duas, uma em cada dia, em 2012 quando chegou a Dragões teve esse problema. Agora vai ter que ter duas pelo menos desfilando num dia. Esse ano teve uma grande

tensão porque pouco antes do início do carnaval teve uma morte de um torcedor, a partir de um jogo entre Santos e São Paulo, toda tensão que envolveria o desfile das escolas de samba nas divisões inferiores. Você acha que um receio de que a lógica territorial e de rivalidade do futebol passem a medida que essas escolas comecem a ascender?

R.R. - Na minha opinião e constatando os fatos que nós já vimos, isso não vai acontecer. Por quê? Porque em 2011, no desfile das campeãs, desfilou no mesmo dia a Dragões, a Mancha e a Gaviões, no mesmo dia, as escolas desfilaram juntas. Então não teve uma discussão, não teve nada. Em 2012 a Dragões desfilou no mesmo dia que Gaviões, no mesmo dia, não aconteceu absolutamente nada. Em 2013 nós desfilamos no mesmo dia que a Mancha, absolutamente nenhum problema. Sinceramente, eu acho que quem tem responsabilidade e liderança dentro da sua escola de samba, até porque está previsto no estatuto da liga, do regulamento, qualquer escola de samba, seja ligada a torcida ou não ligada a torcida, se promover atos de vandalismo ou violência etc, essa escola vai ser banida do carnaval. E eu acho que tem que ser banida do carnaval mesmo, seja quem for. A partir do momento que você tem a sua família, tem o turista, um monte de gente que está indo lá, pagando um valor caro para assistir um espetáculo, não quer ficar ouvindo xingamento, vendo briga, discussão nada disso. Então eu acho que a cabeça dos dirigentes das escolas de samba ligada a torcidas é exatamente esse pensamento. Dificilmente vai acontecer algum fato de violência. Espero que não aconteça. Como já aconteceu fato de violência em escolas que não tinham anda a ver com torcida.

A.T. - O pessoal que frequenta o jogo, o pessoal que frequenta o carnaval é o mesmo pessoal, são distintos?

R.R. - Hoje eu posso dizer... Até porque como a Dragões é uma escola que desfila com 3.500 componentes, nós temos na escola de samba hoje, a maioria das pessoas não são da torcida, até pelo contingente. Nós temos 3.500 desfilantes, fora as pessoas que passam aqui para visita, para curtir o ensaio, para festa, e nem desfilam no carnaval desfilam.

A.T. - Quem são essas pessoas, são do bairro?

R.R. - A Dragões é uma escola de samba que está muito pulverizada. Nós temos alas e pessoas que vêm da cidade inteira e temos muita gente que veio do interior e do litoral, muita gente, e Vale do Paraíba. Nós temos ala em Itatiba, ala em São José dos Campos, muita gente da Baixada Santista.

A.T. - É diferente das escolas mais antigas que começam no bairro?

R.R. - Nós estamos num bairro, nós estamos estabelecidos nesse bairro aqui, que é um bairro de muito comercio durante a semana, bairro de muitas transportadoras e empresas que trabalham durante a semana. É um bairro zero em entretenimento, absolutamente nada de entretenimento. Talvez 70% dele é comercial. Caminha para uma outra realidade porque os prédios estão tomando conta do bairro, os prédios que estão sendo construídos, mas o povo do bairro frequenta também bastante a escola, mas a gente recebe pessoas da cidade inteira.

A.T. - Você acha que esse perfil ajuda a manter a tranquilidade nos desfiles, permite que Gaviões, Mancha e Dragões desfilem no mesmo dia?

R.R. - Repito o que eu falei, eu acho que se você não tem competência, não tem capacidade de gerir a sua entidade, você não tem que se estabelecer. As três já mostraram que tem essa possibilidade, é possível sim, até porque já fizemos. Em 2007 nós desfilamos no mesmo dia: Dragões, Camisa 12, Gaviões da Fiel, problema algum. Eu espero que assim continue, cada vez melhore isso para as pessoas poderem ter certeza que o Anhembi é local de festa.

A.T. - Vocês não tem algum tipo de contato, convênio com as escolas de samba do Rio de Janeiro?

R.R. - A gente tem contato, por exemplo, meu diretor de carnaval aqui é diretor de carnaval da Mangueira, é a mesma pessoa, é diretor das duas escolas. Meu integrante da comissão de carnaval que é o desenhista da escola inteira, ele desenha e é integrante da Vila Isabel.

A.T. - Mas isso é afinidade, ele gosta das duas escolas?

R.R. - No caso eles são contratados, mas a gente tem contato com o pessoal de lá, temos alguns amigos em algumas escolas.

A.T. - O contato é mais profissional, por enquanto? Por causa disso, você contrata...

R.R. - Profissional... é, esse nosso diretor de carnaval já é diretor de carnaval da escola há quatro anos, então ele é um amigo antes de ser o diretor de carnaval, na verdade.

B.H. - Esse ano qual é o tema?

R.R. - “Acredite se puder”.

B.H. - E vão desfilar com...

R.R. - Três mil e 200 pessoas. Na sexta-feira a quarta escola a desfilar.

A.T. - Vocês têm venda de fantasia igual às outras escolas?

R.R. - Normal. A pessoa pode vir escolher a fantasia, pode ir no site escolher pelo site também, comprar pelo site.

A.T. - Proporcionalmente, digamos, quantas pessoas são da escola mesmo que desfilam, e quantas só vêm para o desfile mesmo, turista?

R.R. - Nós temos um público que é muito nosso. Do mapeamento que nós fizemos, 85% são pessoas que desfilam a pelo menos dois, três anos na escola. Então a gente tem essa média muito boa. A gente tem uma faixa na nossa quadra, que depois vocês podem ler, a gente escreve que aqui é um lugar de gente feliz, então a gente procura cativar as pessoas que aqui adentram, para a pessoa realmente se sentir bem, ver que está num lugar bacana. E com isso você consegue manter essa pessoa e consegue que essa pessoa traga mais pessoas aqui para dentro.

B.H. - E nos componentes existe uma preponderância de são-paulinos ou é aberto em geral?

R.R. - Vou dizer para você que deve ser 70% de são-paulinos e outros devem torcer para outros clubes, porem aqui dentro todo mundo respeita que é uma escola ligada ao São Paulo. Então obviamente que ninguém vem com camiseta de outro clube ou outra torcida, para evitar algum tipo de problema que é desnecessário. “Ah, mas nunca vai poder...” não sei, quem sabe no futuro. Hoje ainda a gente prefere que não, até que a gente consiga conscientizar a todos que aqui é um local que funciona dessa forma.

B.H. - O fato de vocês estarem no primeiro grupo e a Independente não, gera inveja por parte deles?

R.R. - Acho que nenhuma, eles frequentam nossa quadra. O que eu falei, hoje os líderes da Independente são grandes amigos meus, alguns eu conheço há dez anos, outro eu conheço há 20, 25 anos de torcida. Então, pelo contrário, frequentam nossa quadra, vem aqui nas nossas festas, nos convidam para ir nas festas, já fomos tocar na quadra da Independente. E eles estão fazendo um trabalho muito sério também, acho que logo logo eles conseguem a vaga deles também lá em cima, se Deus quiser, com certeza.

A.T. - A Independente também é separada o samba e a torcida?

R.R. - Separada, separada juridicamente, com presidentes diferentes etc.

B.H. - Bom, Tomate, te agradecer muitíssimo, com toda intensidade dos trabalhos pré-carnaval você ter recebido a gente foi realmente muito... uma honra, uma alegria, e vai ficar seu depoimento agora no acervo do Museu do Futebol, as pessoas vão poder conhecer um pouco da sua experiência, da sua trajetória e hoje da sua liderança a frente da escola de samba, muito obrigado.

R.R. - Legal.

R.R. - Só queria saber, a memória da torcida, vocês cuidam dela?

R.R. - Você sabe que é uma coisa que a gente precisa fazer. Nós fizemos uma vez um encontro da velha guarda, pedimos para todo mundo trazer as camisetas antigas. Cara, foi uma coisa de arrepiar de ver tanta coisa legal. Eu tenho muita coisa guardada em casa, recortes dessa época de Japão, uma vez a Dragões foi capa da *Veja*, na véspera do Japão, a primeira vez ela foi capa da *Veja*, que a Dragões tem e tinha muitos japoneses. A *Veja* pôs uma foto na capa com os caras da Dragões na arquibancada e todos eles eram japoneses, tinham uns 30, então foi muito legal. É uma coisa importante, uma coisa que a gente precisa fazer sim. Agradecer a vocês aí pela oportunidade, a Dragões é uma grande paixão na minha vida, então, o que precisar a gente sempre está aí. Parabéns pelo trabalho.

B.H. - Obrigado.

[FIM DO DEPOIMENTO]